

Com home office, barulhos de vizinhos se tornam maior desafio a condomínios

Sons de crianças, pets e reformas são os mais comuns; diálogo e intermediação resolvem os conflitos na maioria das vezes

GUILHERME TAVARES

Consolidado de vez na pandemia, o home office se tornou a modalidade definitiva de muitos profissionais. Mas conciliar o trabalho com ruídos de vizinhos nem sempre é tarefa fácil e os desentendimentos dessas situações têm se tornado o maior desafio aos condomínios. As principais reclamações são por conta de barulhos de animais, crianças e reformas. Especialistas orientam que a melhor estratégia é tentar primeiro um diálogo, expondo as necessidades e dificuldades enfrentadas pelo trabalhador, e, caso não seja produtivo, solicitar a intermediação do síndico ou responsável.

“Na imensa maioria das ve-

PARA RESOLVER

Quando diálogo não adianta, o jeito é tomar medidas administrativas

zes, a conversa e, principalmente, a intermediação resolvem o problema”, afirma Felipe Fernandes, síndico profissional.

Na percepção dele, as reclamações de trabalhadores remotos por causa de vizinhos barulhentos seguem frequentes, mesmo com o arrefecimento da pandemia. “Muita gente seguiu trabalhando em casa, porque diversas empresas descobriram vantagens em manter o funcionário em home office”.

É o caso do técnico em Tecnologia da Informação (TI) Rafael de Souza, 36 anos, em teletrabalho desde 2020 e, frequentemente, obrigado a conviver com os ruídos do apartamento vizinho.

“No início, foi bem complicado. Era aquele momento em que todo mundo ficou trancado em casa. Então, as pessoas não tinham muita noção. Era barulho o tempo todo de móveis arrastando e gritaria das crianças. Em uma das reuniões de trabalho, chegaram a perguntar, brincando, se tinha mais alguém na minha casa,

porque sabem que eu moro sozinho”, conta o profissional, que mora em um condomínio no Jardim Terra Branca.

Para evitar constrangimento, ele procurou a intermediação do síndico, que conversou com o vizinho. “Melhorou muito, mas não zerou. Às vezes, ainda atrapalha”, relata o técnico em TI.

EMPATIA

Segundo Felipe Fernandes, nos casos conflituosos, a empatia se apresenta como primeira ferramenta para tentar solucionar o problema.

“Buscamos sempre conscientizar pelo diálogo. Marcamos uma reunião no apartamento de quem causa ruído para tentar levar esse sentimento de compreensão para a pessoa. Aí, partimos para as indicações práticas. Orientamos sobre horários do playground, colocação de feltro nos pés de cadeiras e uso de tapetes de EVA, para reduzir barulho de crianças pulando ou derrubando objetos no chão”, explica ele, apontando que, além do barulho, as



Fotos: Arquivo Pessoal

Rafael de Souza, em home office desde 2020, conta que é difícil conciliar trabalho com ruídos dos vizinhos



Para Felipe Fernandes, síndico profissional, diálogo deve ser sempre primeira medida para solucionar conflitos

discussões relacionadas a cigarro, carro e cachorro são os problemas mais crônicos de convivência entre condôminos (leia mais abaixo).

No entanto, quando a conversa não surte efeito, o jeito

é partir para medidas administrativas, a depender do estatuto do condomínio. “Pode começar com uma notificação e até mesmo virar multa. Se nada disso resolver, a saída é tentar uma ordem judicial”.

Discussões por cigarro, carro e cachorro são problemas crônicos

Apesar das discussões por conta de barulho, os problemas mais crônicos nos condomínios, historicamente, estão relacionados aos famosos três “Cs” apontados pelos síndicos: cigarro, carro e cachorro. “Estes sempre foram o ‘tendão de Aquiles’ da relação entre mora-

dores”, aponta Felipe Fernandes, síndico profissional.

Da tríade, ele considera os latidos de cachorro como os mais difíceis de solucionar. “No Brasil, não temos a cultura do adestramento, o dono não entende que precisa investir nisso. E o latido é uma questão

de educação animal. Qualquer movimento nos corredores faz com que o cachorro comece a latir, o que incomoda os outros moradores”, explica.

Outra situação conflitante ocorre nas garagens. “Tem sido cada vez mais comum a aquisição de carros mais robustos,

como as SUVs. E, geralmente, as vagas são pequenas, há colunas. Então, é difícil estacionar, a porta de um carro bate na do outro. Isso gera confusão. Mas, na maioria das vezes, os vizinhos combinam para um estacionar de ré e o outro de frente. Dá para resolver”, diz Fernandes.

E, no caso do cigarro, a dificuldade é em encontrar o “sujão” que joga as bitucas pela janela. “A pessoa acha que a área comum do condomínio é um grande cinzeiro. Nesses casos, é necessário investigar, descobrir quem é para multar a pessoa”.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Geral Pagina: 5